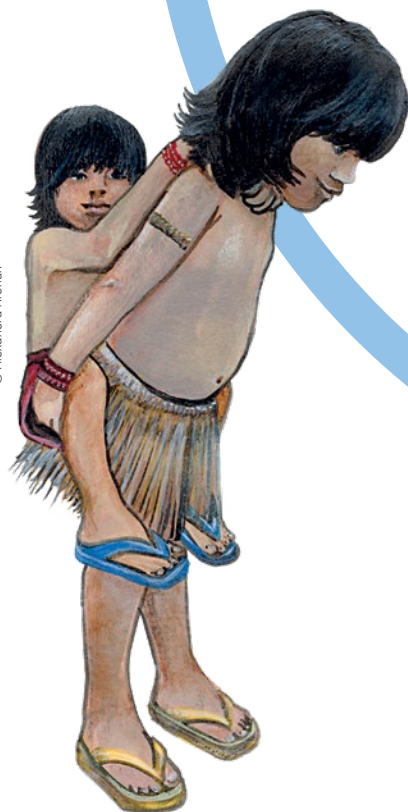




POEMAS PARA CURUMINS E CUNHANTÃS

Tiago Hakiy

Resenha

No texto de abertura, Daniel Munduruku nos lembra que as palavras “fazem uma ligação entre nós e o desconhecido”. O desconhecido ao qual o poeta amazonense Tiago Hakiy nos conecta é a vivacidade que permeia a floresta amazônica. Seus poemas evocam rumores de vida que dificilmente podem ser ouvidos na cidade, já que, segundo Munduruku, em ambientes urbanos os sons naturais terminam sendo “abafados pelo barulho que a luz das telinhas costuma fazer”. Esses poemas, mais uma vez segundo Munduruku, nos lembram que a “simplicidade é complexa”: a vida é feita das relações de interdependência que se estabelecem entre uma infinidade de seres muito diferentes uns dos outros.

Por intermédio das rimas, Tiago Hakiy, que pertence ao povo Saterê-Mawé, nos leva para passear na companhia de um grilo e de um carrapato; nos faz mergulhar em uma festa de peixes amazônicos, em que o sarapó dança com a sulamba, deixando a piranha enciumada; conta como o bem-te-vi ajudou o teri a construir uma morada nova, depois de ter sua antiga casa destruída pela chuva; nos apresenta ao jacundá, ao apapá, ao jaraqui, entre outros peixes que habitam o igapó; e nos faz ter vontade de saborear algumas delícias amazônicas, como o tucumã, o doce de mari e o mingau de cará. Ali onde o vento soa como um velho pajé que sacode seu maracá, o poeta louva a grandiosidade da sumaúma, imensa árvore repleta de vida.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Por meio de seus versos rimados, o autor nos apresenta, entremeadas às palavras em português, a diversas palavras de origem indígena, que dão nome a peixes, frutos, plantas e artefatos presentes no cotidiano dos povos amazônicos. Em alguns poemas, Hakiy narra situações protagonizadas por animais; em outros, descreve acontecimentos e artefatos que fazem parte do cotidiano dos povos que habitam a Amazônia, como a canoa, por exemplo; em outros ainda, reconta em versos algumas narrativas míticas da região, como a história do boto cor-de-rosa e a narrativa do surgimento do guaraná.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Era dia de festa da minha “aldeia”. Com algumas famílias reunidas em torno da churrasqueira e da caixa de som, parecia que a criançada tinha se multiplicado de tanta energia. Todas aquelas crianças eram muito queridas para mim; por isso decidi levar comigo o livro *Poemas para curumins e cunhantãs* e compartilhar com elas meu encantamento pela literatura. Num momento de calma, chamei para perto quem quisesse ouvir histórias da floresta.

Juntei um grupinho de cinco crianças, com idades que iam dos 4 aos 10 anos. Tenho certeza de que as ilustrações foram as grandes responsáveis por terem feito os curumins e as cunhantãs abrirem mão da correria por um tempinho. Apresentei o livro e falei que a gente podia escolher alguns poemas para ler.

Conforme fui virando as páginas, o primeiro que pediram para ler foi o poema “A chuva”. Eu li devagarinho e, no final, um pouco para perceber a compreensão da garotada, perguntei se a chuva era mostrada como boa ou ruim. Todos responderam “boa”. Depois acrescentei: “Mas quem gosta de um dia de chuva?”. Fazia um lindo dia de sol e, para o meu espanto, todos, exceto a minha filha, disseram gostar da chuva.

Fiquei desconfiada das respostas, achei que talvez as crianças estivessem, momentaneamente, influenciadas pela beleza do poema. Insisti: “Gostam mesmo de chuva?”. Uma delas me respondeu: “Sim, porque posso ficar em casa assistindo filme”. Ler com meus filhos e, nesse caso, com os filhos dos amigos, me traz sempre uma oportunidade de aprendizado. Acho que obrigamos nossos passarinhos da cidade a voarem o tempo todo e, para eles, é um momento de felicidade ficar quietinhos no ninho.

Fomos caminhando assim, lendo um poema aqui e ali, escolhido por alguém pelo título ou pela ilustração, sem ficarmos presos em seguir uma sequência e cumprir qualquer meta. Era um dia de diversão; não desejava que a leitura ficasse parecendo lição escolar. No final de cada texto, dava um tempinho e fazia algumas perguntas para a gente conversar. Descobri que a maioria não conhecia a lenda do boto e notei que todos conheciam o refrigerante, mas não a aparência da semente de guaraná. Mas agora já sabem!

O poema “Festa na aldeia” fui eu quem escolhi. À princípio, pensamos que estava tudo bem

parecido com a nossa festa: música e dança até a madrugada, comidas e bebidas especiais, parentes vindos de longe. Por coincidência, seria uma noite de lua cheia também para nós. Depois de terminar o poema, fomos dar uma espiada no glossário com as palavras que a gente não conhecia e, então, lá no finalzinho veio o choque: a festa dos Sateré-Mawé inclui formigas com picadas doloridas.

Foi assim que eu reparei que na imagem tem um rapaz com objetos estranhos nas mãos. “Parecem abacaxis”, disse uma das crianças. As outras concordaram. Expliquei que eram uma espécie de luvas onde colocavam as formigas, e que aguentar a dor era um ritual para os jovens. Os olhinhos ficaram mais arregalados que antes. “Eu não posso, porque tenho alergia a picada de formiga”, logo me disse um. E, se num momento estávamos todos nos achando tão parecidos, logo as diferenças da vida na floresta espantaram o meu grupinho.

Ter contato com outras culturas pode sim causar estranhamento, mas também nos faz perceber que há formas diferentes de se viver neste mundo. Espero que todos nós, ao termos lido juntos esses poemas, tenhamos crescido um pouquinho.



Um pouco sobre o autor

Tiago Hakiy é poeta e escritor, além de bibliotecário formado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas e contador de histórias tradicionais indígenas. Nasceu no município de Barreirinha, no coração da floresta amazônica, à margem de um maravilhoso rio, cheio de belas praias, chamado Rio Andirá. Viaja por vários lugares do Brasil participando de eventos literários para

divulgar a cultura indígena e a literatura que nasce no coração da floresta. Atua em projetos relacionados à cultura indígena junto ao Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais. Autor de diversos livros infantis, *Poemas para curumins e cunhantãs* é sua primeira obra publicada pela Moderna.



Leia Mais...

Do mesmo autor

- ✦ *A pescaria do curumim e outros poemas indígenas*. São Paulo: Panda Books.
- ✦ *Guaynê derrota a cobra grande*: uma história indígena. Belo Horizonte: Yellowfante.
- ✦ *Curumim*. São Paulo: Positivo.
- ✦ *Awyatô-pót*: histórias indígenas para crianças. São Paulo: Paulinas.
- ✦ *Iwaipoáb*: o verdadeiro encontro de amor. Brasília: Ebedé.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Nós*: uma antologia de literatura indígena, org. Maurício Negro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *O menino trovão*, de Kaká Werá. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O karaíba*: uma história do pré-Brasil, de Daniel Munduruku. São Paulo: Melhoramentos.
- ✦ *Ay kakyri tama*: eu moro na cidade, de Márcia Wayna Kambeba. Rio de Janeiro: Polén Livros.
- ✦ *Eu sou macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico. Nova Lima/MG: Caos e Letras.

